Se há metáforas interessantes a que podemos recorrer para ensinar os princípios de jogo nos escalões de formação, muito poderemos estar agradecidos à criatividade do companheiro treinador Xavier Silva.

Recorrendo ao conceito expresso em jogos de computador de que com várias “vidas” podemos alcançar o objectivo do jogo, Xavier Silva fomenta nas suas equipas a importância de, à conquista do ressalto ofensivo, podermos desfrutar de uma nova oportunidade para ganhar vantagem sobre o adversário – uma nova vida. Transmitir esta ideia parece abrir o caminho para que o novo ataque de posição se desenvolva com leitura, paciência, estratégia, princípios, atitude. Diga-se que o Xavier Silva é muito criativo na transmissão destas ideias.

Também ao nível da defesa e perante a adversidade anterior, é necessário entender este momento como uma adversidade ultrapassada com o envolvimento de todos, a entreajuda, o espírito de sacrifício, e, a confiança mútua. Estas sinergias deverão convergir para o momento mais importante da defesa – o ressalto. Envolvam-se todos no bloqueio defensivo (isto se o adversário não fizer um turnover), recuperem a bola e temos vida nova – a possibilidade de associar a recuperação da bola à procura de cesto convertido.

Se no jogo conseguimos entender perfeitamente esta lógica, também no desenvolvimento da modalidade devemos ser capazes de trabalhar em conjunto para recuperar novamente a posse da bola, ou antes, recuperar novamente a modalidade.

Neste sentido, parece-me que neste momento a “bola” não pertence a ninguém, disputa-se um ressalto onde muita gente procura recuperar a posse da bola e iniciar “nova vida”. Podemos dizer que ainda demorará alguns meses até que, claramente se observe a tendência para que, eventualmente uma das equipas possa mesmo recuperar a posse da bola. Isto é, recuperar a modalidade que, no entender do nosso seleccionador nacional, “bateu no fundo” (jornal A Bola de dia 6 de Março).

Se pensarmos como treinadores, o que poderíamos querer que uma equipa nossa fizesse após recuperar a “posse da bola”, ou seja, recuperar a modalidade?

- Ver o que o jogo pede. Ou seja, ver o que a modalidade está a pedir que se faça para que possa ter uma nova vida;
- Construir com paciência. Não procurar marcar cesto depressa, mas entender que há coisas que terão de ser feitas em “24 segundos”;
- Envolver os jogadores todos na construção do ataque. Centrar o ataque ao cesto numa pessoa talvez crie mais dificuldades. Mesmo que saibamos quem na realidade poderá marcar a diferença no momento do lançamento, é importante envolvermos todos na construção do momento decisivo de finalização;
- Assumir uma atitude de tripla ameaça, onde Relançar a modalidade, ultrapassar as dificuldades e barreiras quem não têm deixado crescer a modalidade e ser criativo na forma como driblaremos as adversidades parecem ser as possibilidades para atacar o futuro que todos desejamos melhor para o nosso basquetebol.

Pensar como treinador alimenta-me a vontade de idealizar que, a longo prazo, conseguiremos ser um exemplo vivo e visível de reconstrução da modalidade e da sua projecção a toda a nossa sociedade, constituindo mais uma vez o exemplo para outros contextos da nossa sociedade. É com esta sensação utopicamente optimista que alimentarei a ilusão de que conseguiremos sair do fundo e crescer, jogo a jogo, passo a passo. Será possível?

Creio que sim. Neste momento a utopia e a ilusão poderão alimentar a expectativa de que daqui a dez anos possamos recuperar forças e contribuir para uma nova vida da modalidade. Alimentarmos demasiada racionalidade poderá, contrariamente ao que referi avivar a desilusão sobre o que não se fez, o que se deixou por fazer ou deveria ser feito. Essa sensação levada ao extremo esgotará a nossa energia para o futuro que queremos diferente, não sabendo se será mellhor.